

Ernest Hemingway

AS TORRENTES
DA PRIMAVERA
SEGUIDO DE
UM GATO À CHUVA
E OUTROS CONTOS

tradução de

Maria Luísa Osório
e Alexandre Pinheiro Torres

LIVROS DO BRASIL

CAPÍTULO 1

Yogi Johnson olhava através da janela de uma grande fábrica de bombas no Michigan. A primavera estava para breve. Então não queriam lá ver que aquilo que dizia o plumitivo do Hutchinson — «Se o inverno chegar é porque a primavera não pode estar longe» — iria novamente passar-se naquele ano? Eis o que Yogi Johnson perguntava a si mesmo. Perto dele, numa janela próxima, encontrava-se Scripps O'Neil, homem alto e magro, de rosto alto e magro. Ambos contemplavam o pátio vazio da fábrica. A neve cobrira as bombas encaixotadas que em breve seriam embarcadas. Logo que a primavera chegasse e a neve se derretesse, os operários retirariam as bombas empilhadas que haviam estado cobertas de neve e transportá-las-iam para a estação da GR&I, onde seriam carregadas em vagões abertos e embarcadas. Yogi Johnson observava, através da janela, as bombas enterradas na neve e a sua respiração produzia pequenos desenhos caprichosos na vidraça gelada. Yogi Johnson pensou em Paris. Talvez os pequenos desenhos-caprichos lhe recordassem a cidade alegre onde outrora passara duas semanas. Duas semanas que talvez tivessem sido as mais felizes da sua vida. Mas tudo isso passara. Isso e tudo o mais.

Scripps O'Neil tinha duas mulheres. E pensava em ambas enquanto, alto, magro e complacente na sua tão tibia firmeza, olhava através da janela. Uma delas vivia em Mancelona, a outra em Petoskey. A que vivia em Mancelona, não a via desde a última primavera. Contemplou o pátio cheio de bombas cobertas de neve e pensou no que a primavera poderia significar. Scripps costumava, frequentes vezes, embriagar-se com a sua

mulher de Mancelona. Quando isso acontecia, ele e a sua cara-metade sentiam-se felizes. iam juntos até à estação de caminhos de ferro, caminhavam ao longo dos carris e depois sentavam-se e bebiam e viam passar os comboios. Era debaixo de um pinheiro numa pequena colina que dava para a estação que habitualmente se sentavam e bebiam. Às vezes bebiam toda a noite. Outras vezes bebiam toda uma semana. Fazia-lhes bem. Isto fortalecia Scripps.

Scripps tinha uma filha a quem por brincadeira chamava Lousy¹ O'Neil. O seu nome verdadeiro era Lucy O'Neil. Uma noite, depois de Scripps e a sua velhota saírem e terem estado a beber na via-férrea o que daria para três ou quatro dias, perdeu-se da sua mulher. Não sabia onde ela parava. Quando voltou a si estava tudo escuro. Caminhou pela via-férrea na direção da cidade. As chulipas sob os seus pés eram duras. Tentou caminhar pelos carris. Não conseguiu. Claro que era o efeito da droga. Tornou a andar pelas chulipas. Até à cidade havia muito que andar. Finalmente chegou a um local onde podia ver as luzes do desvio. Afastou-se dos carris e passou pelo liceu de Mancelona. Este era um edifício de tijolo amarelo. Nada havia nele de barroco, como nos edifícios que vira em Paris. Não, nunca tinha estado em Paris. Quem lá estivera não fora ele. Fora o seu amigo Yogi Johnson.

Yogi Johnson olhava pela janela. Em breve seriam horas de fechar a fábrica de bombas, porque chegaria a noite. Abriu a janela cuidadosamente, apenas uma fenda. Apenas uma fenda, mas era bastante. Lá fora, no pátio, a neve começara a derreter. Soprava uma brisa quente. Um vento *chinook*², como lhe chamavam os operários da fábrica. O quente *chinook* entrou na fábrica de bombas pela janela. Todos os operários pousaram as ferramentas. Muitos deles eram índios.

O capataz era um homem baixo e de maxilar pronunciado. Uma vez fizera uma grande viagem até Duluth. Duluth era longe, para além das

¹ *Lousy* significa piolhoso, andrajoso, nojento. Entre *Lousy* e *Lucy* estabelece Hemingway um jogo de palavras sem equivalente em português. (*N. dos T.*)

² *Chinook*, vento quente e seco que sopra nas Montanhas Rochosas dos Estados Unidos. (*N. dos T.*)

águas azuis do lago nas colinas de Minnesota. Ali acontecera-lhe uma coisa maravilhosa.

O capataz levou o dedo à boca para o humedecer e depois espetou-o no ar. Sentiu a brisa quente no dedo. Abanou a cabeça tristemente e sorriu para os homens, um riso forçado talvez.

— Bem, rapazes, temos um *chinook* regular — disse.

Silenciosamente, a maior parte, os operários tornaram a pegar nas ferramentas. As bombas inacabadas foram colocadas nas respectivas prateleiras. Os operários fizeram bicha, alguns falando, outros calados, outros ainda a resmungar, na direção dos vestiários, a fim de se lavarem.

De lá de fora, através da janela, chegava o som do grito de guerra de um índio.

CAPÍTULO 2

Scripps O'Neil encontrava-se em frente ao liceu de Mancelona, contemplando as janelas iluminadas. Estava escuro e a neve caía. Caía desde que lhe era possível lembrar-se. Um transeunte passou e olhou fixamente Scripps. Mas, afinal, que tinha aquele homem a ver com ele? O homem continuou a andar.

Scripps permaneceu ali, sob a neve, de olhar fixo nas janelas iluminadas do liceu. Lá dentro seres humanos aprendiam coisas. Trabalhavam pela noite dentro, os rapazes competindo com as raparigas na busca do conhecimento, essa busca urgente do conhecimento das coisas que arrebatava a América. A sua filha, a pequenita Lousy, que só com uma constipação lhe custara setenta e cinco dólares em contas de médicos, encontrava-se ali a aprender. Scripps sentiu-se orgulhoso. Era demasiado tarde para ele aprender, mas ali, dia após dia, noite após noite, Lousy instruía-se. Aquela rapariga tinha estofos.

Scripps encaminhou-se para casa. Não era uma casa grande, mas à sua velhota não importava o tamanho.

— Scripps — dizia ela muitas vezes quando bebiam em conjunto —, eu não quero um palácio. Tudo o que pretendo é um local onde não entre o vento. — Scripps tomara-a à letra. Agora, à medida que caminhava já tarde na noite, através da neve, ao ver as luzes de casa, sentiu-se feliz por ter tomado a mulher à letra. Era melhor assim do que se, ao voltar para casa, encontrasse um palácio. Ele, Scripps, não pertencia àquela espécie de indivíduos que gostavam de ter um palácio.

Abriu a porta de casa e entrou. Havia algo que o preocupava e que tentou expulsar do pensamento, mas era inútil. Como diabo era a frase daquele poeta seu amigo, Harry Parker, que conhecera em Detroit?

Harry costumava recitar: «Através de prazeres e palácios, posto que com eles me possa regalar. Quando tu não sei quê não sei quê não sei quê, não há sítio como o nosso lar.» Não se lembrava bem das palavras. Pelo menos de todas. Escrevera uma melodia simples para elas e ensinara Lucy a cantá-las. Isso acontecera no princípio do casamento. Scripps podia ter sido um compositor, um daqueles indivíduos que escrevem o que a Orquestra Sinfónica de Chicago toca, se acaso se lhe tivesse deparado a sorte de poder continuar. Ora ele faria com que Lucy cantasse essa canção naquela noite. Nunca mais tornaria a beber. A bebida roubara-lhe o ouvido para a música. Por vezes, quando estava bêbedo, o ruído dos apitos dos comboios à noite subindo Boyne Falls parecia-lhe mais belo do que qualquer música dessas que haviam sido compostas por aquele tipo, Stravinsky. Ora eis o que lhe fizera a bebida. Péssima coisa. Pôr-se-ia a andar para Paris. Como esse tal Albert Spalding que tocava violino.

Scripps abriu a porta. Entrou. — Lucy — chamou —, sou eu, Scripps. — Nunca mais beberia. Nunca mais iria à noite passear para a via-férrea. Afinal de contas, talvez Lucy precisasse de um novo casaco de peles. Ou talvez ela tivesse mesmo preferido um palácio em vez daquela casa. Nunca se sabe como tratar uma mulher. Talvez aquele lugar não resguardasse afinal bem do vento. Fantástico. Acendeu um fósforo. — Lucy! — chamou, e houve uma nota de terror mudo na sua boca. O seu amigo Walt Simmons ouvira precisamente um grito semelhante sair da boca de um ganhão que fora atropelado por um autocarro na Praça Vendôme, em Paris. Em Paris não havia animais castrados. Todos os cavalos eram ganhões, mas não cobriam éguas desde a guerra. A guerra transformara tudo isso.

— Lucy! — chamou. — Lucy! — chamou novamente. Não houve resposta. A casa estava vazia. Através do ar saturado de neve, enquanto permanecia ali, alto, magro e solitário no seu lar deserto, ali chegou aos ouvidos de Scripps o som distante do grito de guerra de um índio.

CAPÍTULO 3

Scripps abandonou Mancelona. Estava farto daquela terra. Que tinha para lhe oferecer uma terra assim? Nada. Trabalhava-se toda a vida e, de um momento para o outro, sucedia uma coisa como aquela. As economias de anos tinham-se volatilizado. Tudo se fora. Partiria para Chicago a fim de arranjar um emprego. Isso, Chicago era o lugar exato. Ora vejam só a sua situação geográfica: precisamente no extremo do lago Michigan. Em Chicago faria grandes coisas. Até um louco poderia ver isso. Compraria terra onde agora era o Loop, o grande distrito comercial e industrial. Compraria o terreno a baixo preço e depois esperaria. Que alguém tentasse tirar-lho. Ele agora era um tipo sabido.

Só, sem chapéu, a neve soprando no cabelo, caminhou ao longo dos carris da GR&I. Era a noite mais fria que alguma vez conhecera. Apanhou uma ave moribunda que estava gelada e caída nos carris e colocou-a debaixo da camisa para a aquecer. A ave aninhou-se-lhe ao corpo quente e, agradecida, bicou-lhe o tórax.

— Pobre bicho — disse Scripps —, também tu sentes frio.

As lágrimas subiram-lhe aos olhos.

— Raios partam o vento — exclamou Scripps, e mais uma vez contemplou a neve turbilhonante. O vento soprava a direito, vindo do lago Superior. Os fios telegráficos, por cima da cabeça de Scripps, cantavam no vento. Através do escuro, Scripps viu um grande olho amarelo surgir na sua direção. A locomotiva gigante aproximava-se cada vez mais através da tempestade de neve. Scripps afastou-se para um dos lados da via. Como era exatamente a expressão do velho Shakespeare: «O poder faz a razão», não era? Scripps pensou na frase à medida que o comboio passava por ele na escuridão carregada de neve. Primeiro passou a máquina.

Viu o fogueiro de bordo curvar-se e lançar grandes pazadas de carvão para dentro da fornalha. O maquinista usava óculos. A luz da porta aberta da caldeira iluminava-lhe a face. Ele era o maquinista. Era ele quem tinha a mão na válvula de regulação do vapor. Scripps pensou no que os anarquistas de Chicago, quando estavam para ser enforcados, haviam dito: «Embora hoje nos estrangulem¹, ainda assim nada podem não sei quê não sei quê contra as nossas almas.» Havia um monumento no local onde foram enterrados, no cemitério Waldheim, precisamente ao lado da Feira Popular de Chicago. Aos domingos, o pai tinha por hábito levá-lo lá. O monumento era todo preto e tinha um anjo preto. Isto passara-se quando Scripps era rapazinho. E ele costumava perguntar muitas vezes ao pai: «Pai, se vamos todos os domingos ver os anarquistas, porque não vamos também andar nos cavalinhos?» Nunca ficara satisfeito com a resposta. Era então um rapazito de calções pelo joelho. O pai fora um grande compositor. A mãe era uma italiana do norte de Itália. Pessoas estranhas estas, as do norte de Itália.

Scripps permaneceu junto aos carris e as secções longas e pretas do comboio estalejaram na neve, perto dele. Todas as carruagens eram *Pullman*. As persianas encontravam-se descidas. A luz vinha em fatias delgadas da parte de baixo das escuras janelas à medida que as carruagens passavam. O comboio não rugia como o faria se se deslocasse na direção oposta, porque estava a subir o declive de Boyne Falls. Ia mais lentamente do que se descesse. Contudo, ia demasiado depressa para que Scripps o apanhasse. Lembrou-se de como antigamente, quando rapazinho de calções pelo joelho, era perito em saltar para os vagões de mercadorias.

O comboio comprido e preto de carruagens *Pullman* passou por Scripps enquanto ele permanecia junto aos carris. Quem estaria naquelas carruagens? Seriam americanos a empilhar dinheiro enquanto dormiam? Seriam mães? Pais? Haveria apaixonados entre eles? Ou seriam europeus,

¹ Jogo com a palavra *throttle*, que denomina a válvula reguladora do vapor dos comboios, e que, usada como verbo, significa estrangular. (*N. da R.*)

membros de uma civilização exausta, de um mundo farto de guerra? Eis o que Scripps perguntava a si próprio.

A última carruagem passou por ele e o comboio continuou ao longo da via-férrea. Scripps observou a luz vermelha da retaguarda até ela desaparecer na escuridão, através da qual os flocos de neve caíam agora suavemente. A ave agitou-se dentro da camisa. Scripps pôs-se em marcha ao longo das chulipas. Queria, se possível, chegar a Chicago naquela noite, para começar a trabalhar de manhã. A ave agitou-se novamente. Já não estava tão fraca. Scripps pousou a mão sobre ela para lhe acalmar o alvoroço. O pássaro sossegou. Scripps caminhou a passos largos pela via-férrea.

Afinal, não precisava de ir para tão longe quanto Chicago. Havia outras terras. Para quê Chicago, mesmo se aquele crítico, Henry Mencken, a designara por capital literária da América? Havia Grand Rapids. Uma vez em Grand Rapids, poderia iniciar-se no ramo dos móveis. Tinham-se feito fortunas assim. Os móveis de Grand Rapids gozavam de fama onde quer que pares de jovens namorados caminhassem ao anoitecer para conversar sobre decoração de casas. Lembrou-se de um anúncio que vira em Chicago quando rapazito. A mãe apontou-o para ele o ver, enquanto caminhavam descalços através do que agora é provavelmente o Loop, mendigando de porta em porta. A mãe gostava do brilhante fulgor das lâmpadas elétricas do anúncio.

— São como San Miniato, em Florença, a minha terra natal — disse a Scripps. — Olha para elas, meu filho — continuou —, porque um dia a tua música será tocada ali pela Orquestra Sinfónica de Florença.

Scripps por várias vezes e durante horas observara o anúncio enquanto a mãe dormia embrulhada num velho xaile, no sítio onde provavelmente é agora o Hotel Blackstone. O anúncio causara-lhe uma grande impressão:

DEIXE HARTMAN FORRAR DE PENAS O SEU NINHO

dizia. Brilhava com muitas e diferentes cores. Primeiro um branco puro e deslumbrante. Era do que Scripps mais gostava. Depois aparecia um

verde maravilhoso. A seguir o vermelho. Uma noite, enquanto jazia agachado junto ao corpo morno da mãe e observava o anúncio luminoso, aproximou-se um polícia que disse: «Vocês têm de se pôr a mexer daqui.»

Ah!, sim, fazia-se muito dinheiro com o negócio das mobílias, se se soubesse como conduzi-lo. Ele, Scripps, sabia manobrar todos os cordelinhos do jogo. Interiormente já se decidira. Pararia em Grand Rapids. A avezinha agitou-se naquele instante, agora com um estremecimento de felicidade.

— Ah! Que bonita gaiola dourada te vou construir, minha pequenita! — exclamou Scripps com exaltação. A avezinha confiante depenicou-lhe o peito. Scripps caminhava a passos largos sob a tempestade. A neve começava a amontoar-se nos carris. Nascido do vento, chegava-lhe aos ouvidos o som distante do grito de guerra de um índio.